Expediente GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO Governador Tarcísio de Freitas Vice-Governador Felício Ramuth Secretário de Ciência, Tecnologia e Inovação Vahan Agopyan CENTRO PAULA SOUZA Diretora-Superintendente Laura Laganá Vice-Diretora-Superintendente Emilena Lorenzon Bianco Chefe de Gabinete da Superintendência Armando Natal Maurício Coordenadora da Pós-Graduação, Extensão e Pesquisa Helena Gemignani Peterossi Coordenador do Ensino Superior de Graduação Rafael Ferreira Alves Coordenador do Ensino Médio e Técnico Almério Melquíades de Araújo Coordenadora de Formação Inicial e Educação Continuada Marisa Souza Coordenadora de Infraestrutura Bruna Fernanda Ferreira Coordenadora de Gestão Administrativa e Financeira Magda de Oliveira Vieira Coordenador de Recursos Humanos Vicente Mellone Junior Coordenadora da Assessoria e Inovação Tecnológica Emilena Lorenzon Bianco Coordenadora da Assessoria de Comunicação Dirce Helena Salles São Paulo, 2023 Maria Lucia Mendes de Carvalho (org.) HISTÓRIA ORAL NA EDUCAÇÃO: de profissionais a empreendedores Coordenação Geral Almério Melquíades de Araújo (Cetec) Cordenação Geral de Organização Lucília Guerra (Diretora da Cetec Capacitações) Coordenação do projeto coletivo Maria Lucia Mendes de Carvalho (Ceteccap, GEPEMHEP) Organizadora Maria Lucia Mendes de Carvalho Capa Diego Pereira dos Santos Marta Maria Mendonça de Almeida Diagramação Marta Maria Mendonça de Almeida Impressão Gráfica CS Ltda Impresso em papel Offset 75g/m² Ficha Catalográfica Tatiane Silva Massucato Arias – CRB-8/7262 \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ História oral na educação : de profissionais a empreendedores / Maria Lucia Mendes de Carvalho (organizadora). -- São Paulo : Centro Paula Souza, 2023. 428 p. : il. ; 22,5 cm. Inclui bibliografia ISBN 978-65-87877-48-8 (Impresso) ISBN 978-65-87877-49-5 (Digital) 1.EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA. 2. HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. 3. HISTÓRIA ORAL. 4. EMPREENDEDORES. I. Carvalho, Maria Lucia Mendes de (org.) CDD 370.113 \_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ Sumário Prefácio Almério Melquíades de Araújo ............................................................................9 Apresentação Maria Lucia Mendes de Carvalho .............................................................. 11 Abertura Solene Discurso I – Maria Lucia Mendes de Carvalho ...................................... 15 Discurso II – Lucília Guerra .....................................................................18 Sistematização do empreendedorismo nos currículos dos cursos técnicos do Centro Paula Souza Gilson Rede .................................................................................................21 Centro Paula Souza e práticas educativas em prol do empreendedorismo Maria Lucia Mendes de Carvalho ............................................................35 Empoderamento feminino no curso de Técnico em Agropecuária da Etec Orlando Quagilato Janice Zilio Martins Pedroso.................................................................... 69 O Técnico em Agropecuária sob a Pedagogia da Alternância na Etec Prof Matheus Leite de Abreu: história oral com alunos empreendedores Sueli Mara Oliani Oliveira Silva ..............................................................89 Luan Rafael Castor Pinheiro: história de vida e o papel da Etec Cônego José Bento na sua atuação empreendedora Julia Naomi Kanazawa .......................................................................... 113 O empreendedorismo de sujeitos na trajetória da Etec Professor Alcídio de Souza Prado, em Orlândia, nos anos de 1980/1990 Maria Teresa Garbin Machado ............................................................. 131 De profissionais a empreendedores: histórias de vidas de ex-aluno de escolas técnicas profissionalizantes de Campinas Américo Baptista Villela ........................................................................ 157 História oral na educação: de profissionais a empreendedores da Etec Dona Escolástica Rosa Marcia Cirino dos Santos ......................................................................179 História oral na educação profissional e tecnológica: memórias de ex-alunos da Etec José Martimiano da Silva Érika da Silva Bronzi Moura ................................................................ 193 A Etec Pedro Ferreira Alves na década de 1980 e o empreendedorismo feminino Fábia Dovigo Pais ................................................................................ 203 A contribuição do curso Técnico em Prótese Dentária na formação de alunos empreendedores Jurema Rodrigues ..................................................................................215 O curso Técnico Desenhista de Ferramentas e Dispositivos (1975-1990):entrevista de história oral Marlene Aparecida Guiselini Benedetti ............................................. 243 Relatos de história oral: egressos empreendedores da Etec Dr Júlio Cardoso Joana Célia de Oliveira Borini ............................................................263 Fatec Dr Thomaz Novelino: formando empreendedores em Franca Liene Cunha Viana Bittar ................................................................... 289 A importância do docente em Construção Civil na identificação profissional dos tecnólogos empreendedores Maria Alice Pius .....................................................................................301 História oral dos professores Luiz Antônio Koritiake e Bruno Vergilio, na Etec Fernando Prestes Daniele Torres Loureiro ........................................................................ 317 Escola Profissional Feminina a Escola Técnica Estadual Carlos de Campos: suas diretoras entre 1993 e 2004 Kelen Gracielle Magri Ferreira ............................................................ 335 Etec Professor Camargo Aranha: minha escola do coração Sibele Biondi Foltran ........................................................................... 359 Protagonismo discente e extensão: a trajetória de um aluno do IFSP Fernanda Ferreira Boschini .................................................................375 As narrativas como possibilidade de apropriações de um contexto histórico e práticas educacionais Rosemeiry de Castro Prado Elaine Pasqualini Eunice Corrêa Sanches Belloti ............................................................389 Políticas institucionais de internacionalização da educação profissional e tecnológica: um estudo a partir da história oral Guilherme Antonio Bim Copiano Sueli Soares dos Santos Batista ...........................................................401 Sobre os autores ..........................................................................................419 História Oral na Educação: de Profissionais a Empreendedores 9 Pref

As narrativas como possibilidade de apropriações de um contexto histórico e de práticas educacionais Rosemeiry de Castro Prado. Eunice Corrêa Sanches Belloti. Elaine Pasqualini Faculdade de Tecnologia de Ourinhos I

INTRODUÇÃO A palavra técnica vem do grego techné, que significa “arte ou ciência” ou, muitas vezes, designa a técnica do fazer, muito presente na Grécia antiga, Roma e Idade Média, atribuída aos mestres que conheciam a totalidade de um determinado processo e o transmitiam a seus aprendizes. (BATISTA; FREIRE, 2015) Contudo, nem sempre o ensino técnico e tecnológico foi pensado como uma educação que contempla ao mesmo tempo princípios científicos e tecnológicos. O ensino técnico seria destinado a uma educação relacionada a uma profissionalização que formava trabalhadores ligados ao “saber-fazer”, a trabalhadores que apenas executavam tarefas, enquanto a formação tecnológica, de forma mais ampla, envolveria uma formação intelectual, cultural, científica e técnica, ligada a uma compreensão histórica do desenvolvimento tecnológico e, em oposição à técnica, vinculada ao treinamento. (DURÃES, 2009) No que se refere, atualmente, às terminologias entre cursos técnicos e tecnológicos, os primeiros são considerados programas de nível médio com o propósito de capacitar o aluno proporcionando conhecimentos teóricos e práticos nas diversas atividades do setor produtivo; quanto aos cursos tecnológicos, classificam-se como de nível superior e, em ambos, percebe-se um discurso oficial da legislação e das regulamentações que organizam os Cursos de Tecnologia de modo a direcioná-los não só para o desenvolvimento de habilidades, de capacitação e de formação do egresso para uma área específica do mercado de trabalho, mas trata-os como uma possibilidade de visão ampla das consequências que o processo produtivo e a utilização de tecnologias podem provocar no meio ambiente, no meio social, no planeta, proporcionando um discurso que se distancia das reais condições de implantação e funcionamento dos cursos mencionados, como, por exemplo, a formação dos professores que atuam em tais instituições. (FERREIRA, 2013) 390 História Oral na Educação: de Profissionais a Empreendedores Logo, a educação tecnológica estaria preocupada com a formação global do estudante, possibilitando que ele desenvolva habilidades, tomada de decisão, uso de raciocínio crítico diante das situações políticas, sociais e humanas (DURÃES, 2009). Ainda em relação às diferenças entre “ensino técnico” e “educação tecnológica”, Coelho (1997) destaca que: O conceito de educação tecnológica possui uma abrangência maior, implicando uma formação que prevê o desenvolvimento integral do trabalhador, de suas amplas habilidades cognitivas – que incluem, mas ultrapassam a assimilação de informações técnicas, enfatizando o domínio dos fundamentos científicos subjacentes ao saber fazer, de suas habilidades sócio-afetivas, de sua ética e de uma reflexão sobre valores que incluam o estudo crítico do contexto sócio-político e econômico em que a ciência e a tecnologia são produzidas, disseminadas e aplicadas. (COELHO, 1997, p.52) O debate relativo ao uso dessas expressões chama à cena diferentes concepções, de ordem pedagógica e/ou legal, atribuindo-lhes uma multiplicidade de significados, como o de um modelo formativo necessário para a transformação da atual sociedade. Neste sentido, para Araújo (2004): [...] a educação técnica e tecnológica deve garantir a aquisição dos princípios científicos subjacentes a cada tecnologia aplicada nos diferentes processos produtivos, o uso e a introdução das inovações tecnológicas na gestão da produção de bens e serviços e a compreensão das relações sociais no campo do trabalho e na sociedade. Nessa perspectiva, torna-se imperativa uma fina sintonia da educação profissional com o mundo do trabalho, não só para a atualização de conteúdos, mas, principalmente, para a detecção de problemas nos processos produtivos e no planejamento de soluções, ponto central na construção da capacidade empreendedora do profissional. As Escolas Técnicas não podem se restringir ao ensino de disciplinas isoladas entre si e do contexto de aplicação de seus conceitos. Esse modelo de formação não mais atende às expectativas de seus alunos nem às novas formas de trabalho. É necessário conjugar a teoria com a prática e integrar, ao longo do curso, ciência, tecnologia e trabalho. (ARAUJO, 2004, p.1) Percebe-se que muitos ainda são os desafios da educação profissional no Brasil como, por exemplo, a questão do dualismo entre as modalidades de ensino existentes, que de certo modo perpetuam e cristalizam diferenças sociais arraigadas nos diferentes tipos de formação educacional. História Oral na Educação: de Profissionais a Empreendedores 391 Nesse sentido, compartilhamos do pensamento de Gramsci (2000) que afirma que “não deveríamos hierarquizar os tipos de escolas profissional, mas, sim, criar um tipo único de escola preparatória que proporcione uma formação profissional de sujeitos capazes de pensar, de estudar, de dirigir, ou de controlar quem dirige”. (GRAMSCI, 1979, p. 49) Para além do debate entre as concepções e percepções acerca das diferentes modalidades de ensino, este trabalho traz à luz duas narrativas de professores de Matemática da Fatec Ourinhos, que iniciaram na docência desde a criação da instituição, ainda como extensão de campus da Fatec São Paulo, ainda permanecendo em sala de aula. Mas o que esperar dessas narrativas? Elas aparecem como pontas de icebergs para uma análise que dialoga com outras fontes e que podem constituir uma história plausível, colaborando com a história da instituição escolar. AS NARRATIVAS E SUAS INTENÇÕES As narrativas, como as compreendemos, são modos de apreendermos aspectos do mundo considerando diferentes atores sociais com os quais, de algum modo, interagimos. Trata-se de compreender algo num esforço de olhar com os olhos do outro. Ainda que, no limite, seja impossível “olhar com os olhos do outro” ou “compreender plenamente o que o outro diz” ou, ainda, “que o relato de experiências vividas transmita ao outro as experiências como elas foram vividas”, esse esforço de considerar que o outro, que vive certa experiência, nos relata sobre o que viveu e como aquilo foi vivido, frutifica em compreensões que nos são vitais. Nosso pano de fundo para a criação de uma breve história da Fatec Ourinhos e de algumas práticas de ensino de Matemática nessa faculdade, aconteceram mediante os depoimentos dos Professores Paulo Henriques Chixaro e Sidney Ferrari. Uma sistematização dessas informações com os nomes, datas e lugares das entrevistas está registrada no Quadro 1. Os professores fazem parte do quadro docente da mesma faculdade a qual pertencem as autoras desta pesquisa e puderam contribuir com os objetivos propostos. 392 História Oral na Educação: de Profissionais a Empreendedores Quadro 1 – Relação das entrevistas realizadas com professores de ensino de Matemática. ENTREVISTADO DATA DURAÇÃO LOCAL Paulo Henriques Chixaro Mestre em Engenharia Naval e Oceânica pela USP, no ano de 2003. Atualmente é professor da Fatec Ourinhos, SP. 16/03/2016 57min13s Ourinhos Sidney Carlos Ferrari Doutor em Engenharia de Produção, pela UFScar, em São Carlos, interior de São Paulo (2016). 16/09/2016 33min36s Ourinhos Fonte: autoras, em 2022. PAULO HENRIQUES CHIXARO, UM PROFESSOR MANAUARA A seguir, um excerto da entrevista do professor Chixaro: Nasci em Manaus, Amazonas, em 29 de janeiro de 1951. De lá, vim para São Paulo, com oito anos de idade. Na época, era difícil e raro frequentar um curso de graduação. O máximo que tínhamos era um curso de Direito e as famílias migravam muito por conta do estudo de seus filhos. Nós viemos para São Paulo e nunca mais voltei. Fiquei na capital durante 27 anos, morei em Bauru durante quatro anos e, em Ourinhos, estou há aproximadamente 25 anos. Prestei vestibular na época, em 1969, para Engenharia Eletrônica e para Matemática. A engenharia, eu fazia na FEI37, que na época acho que era da PUC e estava começando em São Bernardo Na realidade, ela ainda não estava, pois não tinha se mudado totalmente para São Bernardo, mas de qualquer forma, como calouro em 1969, já ia até São Bernardo. Isso era um desgaste porque era uma longa viagem de ônibus. A Matemática, eu fazia na faculdade Oswaldo Cruz38. Mas, eu não aguentei. Tive que abandonar uma das faculdades, optando por Matemática, uma vez que percebi que o curso de engenharia não era exatamente o que eu pensava e esperava, já que tinha outra ideia de engenha37 Fundação Educacional Inaciana, de São Bernardo do Campo, São Paulo. 38 Faculdade Oswaldo Cruz, São Paulo.. História Oral na Educação: de Profissionais a Empreendedores 393 ria: minha expectativa era que fosse mais prática e menos teórica. Estava frequentando o segundo ano da faculdade de Matemática, quando prestei concurso para uma vaga de professor num cursinho. Paralelamente, eu sempre tinha outras atividades, como trabalhar com informática, que foi se concretizando na minha vida, foi se tornando prioritária, mais importante. Eu abandonei o cursinho numa época em que eu tinha mais responsabilidades, mas o abandonar era sinônimo de diminuir a carga horária, já que eu tinha uma aula, por exemplo, de final de semana, ou então eu dava um cursinho de férias. Assim, eu nunca parei de dar aulas. Quando eu abandonei a informática, quer dizer, eu me cansei porque era muito desgastante e despendia de muita responsabilidade gerenciar a área de tecnologia, eu resolvi prestar um concurso na Fatec, para me firmar definitivamente como professor. Fui aprovado nesse concurso. Isso foi em 1986, mas não foi esta data que marcou o meu contato com a instituição. O concurso que eu prestei, na realidade, foi para a área de informática. Não foi para a Matemática. E foi para a área de informática, por quê? Porque a demanda por informática era muito grande na época e eram poucos os profissionais que atuavam no mercado, não havendo a necessidade de ser formado em informática, ou seja, ter um diploma na área. Futuramente, como a disciplina Entrada de Dados veio a se extinguir, fui migrando e numa das migrações fui para a Matemática. Isso foi na Fatec São Paulo, porque, quando eu vim para Ourinhos, eu já dava aula de Informática e de Matemática, as duas disciplinas. Eu cheguei à Fatec em 1986 e o meu regime de contratação foi por concurso e tempo indeterminado. É o contrato que eu tenho até hoje. Como eu já disse, em 1986 eu comecei na Fatec São Paulo como professor, depois, em 1988, tomei conhecimento, por meio de um informativo, sobre a possibilidade de uma bolsa para passar um ano na Alemanha, numa Fachhochschule39 alemã. Nós ficamos lá um ano... E quando eu voltei, o superintendente da época, o professor Oduvaldo40, me falou que estava criando o campus de Ourinhos e ninguém estava querendo ir para a cidade como diretor, porque era distante uns 400 km de São Paulo, a Fatec mais próxima de Ourinhos era em Jaú, também no início, uma Fatec recém-criada e o pessoal achava muito distante, muito... Aliás, teve até muita pressão para que não se abrisse a 39 As Fachhochschulen (FHs) alemãs representam uma das modalidades de ensino superior na Alemanhanha. O ensino nas FHs costuma ser mais direcionado à prática e menos teórico, sendo que o estudo dos fundamentos matemáticos ou científicos contemplados representam uma proposta diferenciada e mais restrito em relação aos outros currículos, valorizando-se as práticas em laboratório (CAPDEVILLE, 1994). 40 Oduvaldo Vendrameto, diretor superintendente do CEETEPS (1987-1990). 394 História Oral na Educação: de Profissionais a Empreendedores Fatec Ourinhos, porque diziam que seria uma loucura, seria melhor fazer uma segunda Fatec em São Paulo. Ele me acompanhou até a cidade e me apresentou ao prefeito. Isso foi em 1991 e, no mesmo ano, mudei-me para Ourinhos, em agosto. Fiquei com a minha esposa e com meu filho que tinha quase oito anos de idade, morando num hotel, porque ainda não tínhamos muita certeza se iríamos nos acostumar. Ficamos aquele semestre inteiro e quando o ano terminou, o prédio da Fatec estava bem avançado, com 70% da construção pronta, e decidimos que ficaríamos na cidade. Alugamos uma casa e, em 1992, estabelecemo-nos ali. As aulas na Fatec Ourinhos começaram em 1992. Não começaram aqui na Fatec porque o prédio não ficou pronto. Nós tivermos que começar as aulas porque o vestibular já havia sido realizado. Foram 880 candidatos para 40 vagas. Olha a quantidade de alunos! Era extremamente concorrido. Mas, o curso começou, aliás, desculpa, foi para 80 vagas, tinha 40 vagas de manhã e 40 vagas à noite e eram 10 candidatos para uma vaga. Tivemos que começar a Fatec na cidade, numa escola pública, uma escola que era da prefeitura, uma vez que eles nos cederam algumas salas. Mas, como os alunos tinham informática desde o primeiro ano, desde a entrada, tivemos que preparar um laboratório. Quanto ao ingresso do professor na Fatec, se for para uma determinada especificidade, para uma disciplina técnica, ainda é aceitável uma boa experiência na área, sem precisar o candidato ser mestre ou doutor, já que para as disciplinas chamadas técnicas/tecnológicas, por exemplo, pode ser muito difícil ter professoras e professores com qualificação. No entanto, para a área de Matemática passou a ser exigido no mínimo mestrado. Veja, a Matemática deveria ser uma ferramenta dos cursos de tecnologia... Ela é uma ferramenta. Só que o que aconteceu com essa ferramenta? Antigamente, quando eu comecei a dar aula na Fatec, havia uma caixa de ferramentas que o aluno recebia e nessa caixa de ferramenta tinha 40 modelos de alicates, 50 modelos de chave de fenda. Hoje, a caixa de ferramenta que ele recebe tem uma chave de fenda e se mudar o tamanho do parafuso ele já não pode mais usar aquela chave, tem um alicate que é capaz de quebrar se apertá-lo muito forte. Fonte: autoras, em 2022. Na decisão por desistir da Engenharia e optar pela Matemática, segundo o professor, além de ter que trabalhar para se sustentar, pesou também o fato de ter se decepcionado com a estrutura do curso de Engenharia, pois almejava um curso que fosse mais prático e menos teórico. Esses aponta- História Oral na Educação: de Profissionais a Empreendedores 395 mentos sobre teoria e prática, sobre pesquisa científica e tecnológica, sobre ciência e técnica parecem estar relacionados à já conhecida dicotomia entre reflexão e ação. No caso do conjunto dos depoimentos que temos como ponto de partida, é notável como o pensamento pragmático – segundo nosso olhar – marca as práticas das faculdades. Narra o professor Chixaro que sua chegada à Fatec São Paulo se deu num momento em que decidira abandonar a área de Informática por ser muito desgastante. Dentre outros elementos, a narrativa do professor Paulo Chixaro nos ajuda a compreender, reiterando outros discursos e fontes, que o Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza nasceu num momento em que se exigia uma ampla “tecnificação” do ensino superior, apoiada na valorização entre ciência, tecnologia, instrumentalidade empresarial e estado tecnocrático e, portanto, acabou por justificar a contratação dos docentes por meio da prática e técnica do professor. Vale destacar que, além disso, o panorama político-institucional que permeou a criação e instalação do Centro e, consequentemente, das Faculdades de Tecnologia do país se revela a partir de três eixos principais: a ditadura implantada em 1964, declarada de forma evidente pela publicação do Ato Institucional nº5, em dezembro de 1968, no governo do general Costa e Silva, comprometendo durante dez anos a liberdade do povo brasileiro; a Teoria do Capital Humano41. como agente racionalizador de todas as formas de organização social e a reforma universitária de 1968. PROFESSOR SIDNEY FERRARI, O PIONEIRO A seguir, um excerto da entrevista do professor Sidney: O interessante é que quando eu fui chamado para fazer a escolha em São Paulo eu precisei abrir o mapa para poder descobrir que não tinha mais vaga em lugar nenhum conhecido, só aparecia Ipaussu ou Ocauçu e eu não sabia nem onde era o local das cidades e então, pela legenda, pelas bolinhas do mapa, eu vi e comecei a compará-las pelo tamanho e escolhi a maior. Fui para Ipaussu porque Ourinhos não tinha mais. Assim, comecei na escola estadual de segundo grau na época, Pedro Leme Brisolla Sobrinho, em Ipaussu, ficando por lá de 1980 até 1988. Dei aula em outras escolas da cidade, até outras escolas do estado, e depois tive a chance de vir para Ourinhos por meio de uma remoção e fui me 41 Sob a predominância desta visão tecnicista, passou-se a disseminar a ideia de que a educação é o pressuposto do desenvolvimento econômico, bem como do desenvolvimento do indivíduo, que, ao educar-se, estaria “valorizando” a si próprio, na mesma lógica em que se valoriza o capital. (MINTO, 2006). 396 História Oral na Educação: de Profissionais a Empreendedores agrupando com os outros níveis de ensino pelos quais passei, surgindo logo a oportunidade para trabalhar na FIO42. Vieram também os cursinhos, era a época do boom dos cursinhos, e veio para cá o cursinho Anglo43 e eu comecei com eles, aliás, eles começaram comigo. Fiquei muito tempo no Anglo, na FIO e, em 1992, deu certo da Fatec se instalar no município. Prestei o concurso na faculdade, passei, fui o primeiro professor contratado, tendo a chance de ser o primeiro professor a pisar na sala de aula, também, na Fatec Ourinhos. Dei a primeira aula, mas não era aula inaugural, era a primeira aula de verdade, para valer. Foi numa segunda-feira, às 13h30 da tarde. A disciplina era a Matemática 1, que hoje é o nosso Cálculo Diferencial e Integral. Tinha Matemática 1, Matemática 2, que correspondem aos atuais Cálculo Diferencial 1 e Cálculo Diferencial 2. Depois tinha outro cálculo, o Numérico, além da Pesquisa Operacional e da Estatística, mais adiante do curso. O concurso para professor naquela época já era obrigatório. Tinha a figura do professor contratado por meio de concurso, mas no mesmo estilo de hoje, pela CLT, por hora aula, e não existiam as jornadas de dedicação exclusiva. Mas não tínhamos uma quantidade suficiente de aula para poder entrar em jornada e tínhamos que esperar. Fui contratado dessa forma, sendo o regime em que estou até hoje na Fatec Ourinhos. Comecei a dar aula na Fatec em duas turmas. Uma turma à tarde e uma turma à noite, no antigo PD, curso de Processamento de Dados, no primeiro ano e com a disciplina de Cálculo. Existia na época também outra disciplina, a de Fundamentos de Matemática, que era uma revisão do ensino médio. Não me lembro se eu dava aula sobre isso também. Acho que sim. Acho que sim porque o outro professor, o que entrou no segundo semestre, dava a Matemática 2, com seis aulas por semana, não com o máximo de quatro aulas como é hoje, eram seis aulas semanais. E ao longo desse período na Fatec já são vinte e quatro anos que estou lecionando, pois entrei em 1992. A Fatec Ourinhos foi fundada em 1991, mas as aulas começaram em 1992. Fiz meu mestrado, terminando-o em 2002, na USP, de São Carlos. Eu já estava na Fatec quando comecei e terminei o mestrado. Também terminei agora o meu doutorado, na UFSCar44, de São Carlos. O meu mestrado foi no Instituto de Ciências Matemáticas da Computação, o foco foi na Matemática Aplicada à Computação, a Matemática 42 As Faculdades Integradas de Ourinhos (FIO), fazem parte da Instituição de Ensino Superior mantida pela Fundação Educacional "Miguel Mofarrej" no interior do estado de São Paulo. 43 Sistema Anglo de Ensino. 44 Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), fundada em 1968. História Oral na Educação: de Profissionais a Empreendedores 397 Computacional, em Teoria de Filas45. Eu trabalhei com essa teoria. No doutorado continuei trabalhando com a teoria de filas, mas dentro da engenharia de produção. Eu escolhi a Matemática direcionada envolvendo a computação justamente para que eu pudesse ter mais proximidade com o meu trabalho dentro da faculdade de tecnologia. Desde o mestrado, sempre que trabalhamos com a teoria de filas precisamos ter a computação aliada a nosso favor, desenvolvendo os modelos, fazendo os cálculos e isso acabou me prendendo também. A associação com a computação foi me atrelando porque eu estava na Fatec e ouvia falar bastante sobre a computação, embora, na época, não tivesse nenhuma formação computacional, mas aqui com os colegas eu sabia um pouco de cada coisa da área e dos tipos de programação de linguagem. Foi submerso num ambiente de ensino e aprendizagem da computação, tanto no âmbito de trabalho como no da pesquisa, que me identifiquei e me encantei. Acho que foi o casamento perfeito. O Centro não incentivava de nenhuma maneira os seus professores a fazerem cursos de especialização, de mestrado e de doutorado. Foi meramente interesse meu partir para as especializações. O retorno que se tinha era o pessoal, mas, lógico, a titulação ajudou na minha carreira aqui dentro: eu mudei de posição, de nível, de salário, daquela classificação que se tinha antigamente, ajudando-me nesse sentido, mas não existe nenhum incentivo à pesquisa. Não existe. Não há o incentivo que é dado nas universidades para a pesquisa científica, como o afastamento para os professores que optam por fazer um curso de mestrado e de doutorado. Tive muitos colegas em universidades que se afastaram para fazer curso de pósgraduação. Aqui nós não tivemos. Não tem. Não tive e sei que não tem até hoje. Eu não sei se existe algum motivo para essa falta de incentivo. Eu penso que isso acontece por se tratar de uma faculdade de tecnologia, mais voltada para o mercado de trabalho. Bom, depois dessa Matemática 1 e a Matemática 2 que se perderam por aí e até se extinguiram, não teve mais o curso de PD, vieram outros, na vertente da análise de sistemas. Durante muito tempo trabalhei com a Estatística na época em que existia um curso mais abrangente chamado ASTI – Análise de 45 Com o desenvolvimento industrial, o crescimento das empresas e a necessidade de racionalização há uma tendência à procura dos conceitos e métodos da teoria das filas de espera nos setores de fabricação, manutenção, transporte, tráfego, comunicações, vendas e serviços em geral. A teoria das filas de espera é um método estatístico que permite estimar as demoras que ocorrem quando um serviço tem de ser proporcionado a clientes e possibilita vários modelos para se explicar e otimizar as situações da vida real. (FERRARI), 2002 398 História Oral na Educação: de Profissionais a Empreendedores Sistemas de Tecnologia da Informação. Havia outras disciplinas além do Cálculo e da Estatística, havia uma disciplina que usava muito a Matemática, inclusive a teoria de filas na computação de modo direto, que era a disciplina de análise de sistemas, ou melhor, era a disciplina de avaliação de desempenho de sistemas computacionais. Tratava-se de utilizar a Matemática para avaliar sistemas de um modo geral, o funcionamento de redes e o desempenho de algoritmos, disciplina com que eu trabalhei durante o tempo em que ela existiu. Fora esta, tem a Matemática Financeira que, pela segunda vez, estou trabalhando, pois ela já existia em outro curso. Com a Pesquisa Operacional, acho que trabalhei seis ou oito anos com ela. Também lecionei Cálculo Numérico. Acho que passei na Fatec Ourinhos por todas as disciplinas que envolvem a Matemática até o momento. Naquela época o conteúdo era bem mais aprofundado. O cálculo que víamos na Matemática 1 e na Matemática 2 contemplava mais as teorias, e hoje, parece-me que está bem resumido e voltado apenas para as noções e pronto. Os outros professores que trabalharam juntos comigo, na mesma época, na década de 1990, tinham a formação de Matemática, ou seja, em Matemática. Eram formados em Matemática mesmo. Não me lembro de ter nenhum engenheiro trabalhando aqui na área de Matemática. Todos eram matemáticos formados em faculdades que tinham cursos de licenciaturas ou bacharelados. Eu acho que na época da criação da Fatec Ourinhos não foi feita uma pesquisa regional para se saber qual curso iria atender melhor às necessidades da região. Eu acho que o curso de Processamento de Dados era o carro-chefe. Na época, na década de 1990, houve o boom da computação, a necessidade de formação desse profissional. Não vejo nenhuma vertente que aponte a abertura do curso de Processamento de Dados em Ourinhos devido à necessidade local de formação dessa mão de obra. Acho que simplesmente ele foi criado. Fonte: autoras, em 2022. Por meio da narrativa do professor Sidney é possível conhecermos um pouco da sua formação profissional: após passar pela graduação, ele fez seu mestrado na USP de São Carlos, terminando-o em 2002. Quanto ao seu doutorado, recentemente o concluiu na UFSCar, de São Carlos. Seu mestrado foi no Instituto de Ciências Matemáticas da Computação, na Matemática aplicada à Computação, em teoria de filas. No doutorado continuou com o tema, mas vinculado à engenharia de produção. De acordo com o professor, em ambas as escolhas, houve a preocupação e a tendência de direcionar a Matemá- História Oral na Educação: de Profissionais a Empreendedores 399 tica em seus estudos para que pudesse envolver o seu relacionamento com a computação e o seu trabalho dentro da faculdade de tecnologia. O professor relata que trabalhar em cursos de tecnologia voltados à informática e o contato com os professores da área fizeram com que ele se sentisse envolvido pelo ambiente computacional e que o “casamento” entre seus cursos de pós-graduação e seu trabalho docente foi perfeito. Em relação ao corpo docente de Matemática da Fatec em que lecionava (e ainda leciona), o professor relata que eram/são, todos, graduados em Matemática, e não oriundos de faculdades de engenharia. Neste cenário, percebemos que, pelo menos mais recentemente e em algumas unidades, não mais domina a influência dos professores de Matemática formados nas escolas de engenharias (as politécnicas), uma vez que, segundo Valente (2002, p.88), concordando com outras fontes que temos à mão, esses eram os professores de Matemática que circularam em nossas instituições de ensino até o início da década de 1920. CONSIDERAÇÕES FINAIS Para pensarmos uma história da Fatec Ourinhos, guiamo-nos por elementos que podem dar indícios da cultura produzida, apoiando-nos nas entrevistas realizadas com dois professores de Matemática. Por meio dessas narrativas, é possível construir, exclusivamente, uma breve história que captura aspectos do cotidiano escolar e traz à cena seus atores, bem como a multiplicidade de experiências, de significados, de sentidos próprios, em oposição à unicidade e à homogeneidade existente nos ordenamentos oficiais eu caracteriza muitos estudos sobre instituições de ensino (GASPAR, 2010). Os dois professores de Matemática foram incluídos entre nossos depoentes, por atenderem aos critérios que havíamos adotado no percurso entre a elaboração da pesquisa e as entrevistas realizadas: pretendíamos entrevistar professores com expressiva experiência docente da Fatec Ourinhos, priorizando (a) professores de Matemática, (b) a atuação nas décadas de 1980 e 1990, e (c) um espaço (Ourinhos). De outro modo, buscamos abordar uma das dimensões fundamentais dos estudos sobre as culturas escolares praticadas no interior das escolas: os professores. Ao estabelecermos uma relação dinâmica entre o passado e o presente, cria-se a possibilidade de uma nova e breve história das instituições escolares e a pretensão de se produzir uma história do cotidiano escolar. (FARIA FILHO; VIDAL, 2004, p. 155) 400 História Oral na Educação: de Profissionais a Empreendedores REFERÊNCIAS ARAUJO. A. M. A Construção e o Desenvolvimento de Currículo em Parceria. VIII Congresso Luso-Brasileiro de Ciências Sociais, em Coimbra/Portugal, setembro, 2005. Disponível em: http://www.ces.uc.pt/lab 2004/ inscricao / pdfs/painel20/almerioaraujo.pdf. Acesso em: 08.08.2022. BATISTA, S. S. S; FREIRE, E. (org.). Educação Profissional e Tecnológica: Perspectivas e experiências. Jundiaí: Paco Editorial, 2015. CAPDEVILLE, G. Os sistemas escolares alemão, inglês e francês e a formação de seus professores. Em Aberto, Brasília, n. 64, p. 43-60, out. /dez. 1994. COELHO, S. L. B. Repensando um Projeto de Educação Tecnológica Referenciado na Formação do cidadão-técnico: algumas reflexões para a formulação de novas propostas educativas. Educação & Tecnologia, Belo Horizonte, n. 2, p. 52-56, jul./dez. 1997. DURÃES, Marina Nunes. Educação Técnica e Educação Tecnológica Múltiplos Significados no Contexto da Educação Profissional. Revista Educação e Realidade, v.34, n.3, p.159-175, 2009. FARIA FILHO, L. M.; VIDAL, D. G. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 139-159, jan./abr. 2004. FERREIRA, C de M. L. A educação tecnológica no Terceiro Milênio: implicações do Pensamento Complexo de Edgar Morin. 2013. 322f. Tese (Doutorado em Educação – Área de Concentração: Cultura, Organização e Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2013. GASPAR, V. História, Educação e Cultura Escolar. Revista Pedagógica – UNOCHAPECÓ – Ano 13 – n. 25, vol. 02 – jul./dez. 2010. GRAMSCI, A. Os intelectuais e a organização da cultura. 3. ed. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. MINTO, L. W. As Reformas do Ensino Superior no Brasil: o público e o privado em questão. Campinas, SP: Autores Associados, 2006. VALENTE, W. R. “História da Matemática na Licenciatura: uma contribuição para o debate”. Educação Matemática em Revista. Ano 9, 11a – Edição Especial. São Paulo: SBEM – Sociedade Brasileira de Educação Matemática, 2002.